

Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder¹

Camila Caldeira Nunes Dias²

Resumo: Este artigo pretende abordar a questão da religiosidade evangélica dentro da prisão observando, de um lado, as transformações produzidas em decorrência da conversão religiosa e, de outro, compreender o lugar e a posição que este grupo ocupa no sistema social prisional. Para isso, analisamos as relações estabelecidas entre os evangélicos e a massa carcerária, marcada por tensões e ambigüidades, que conformam e definem as características deste grupo religioso dentro da prisão: a ilegitimidade e o descrédito. As interações entre evangélicos e massa carcerária estão constantemente ameaçadas de ruptura, o que torna essa realidade social extremamente precária.

Palavras-chaves: evangélicos, prisão, tensão, dominação.

Keywords: conversion, evangelicals, prison, tension, domination.

Abstract: This article intends to broach the evangelical religiousness question inside the prison observing, on the one hand, the transformation has been produced as a result of religious conversion; on the other hand, to understand the place and the position that this group holds in the prison's social system. In order to do this, we have analyzed the relationship between the evangelicals and the general inmate population, highlighted by tensions and ambiguities that conform and define the characteristics of this religious group inside the prison: the illegitimacy and the discredit. The interactions between evangelicals inmates and general inmate population are constantly threatened of disruption, making this social reality extremely precarious.

keywords: conversion, evangelicals, prison, tension, domination.

Introdução:

O objetivo deste texto é discutir a religiosidade evangélica dentro da prisão, a partir de dois pontos de referência: de um lado, considerando este fenômeno a partir do grupo religioso, apontando as transformações ocorridas no universo discursivo dos indivíduos em decorrência da conversão religiosa. Num segundo momento, porém, introduziremos considerações que dizem respeito ao lugar ocupado pelos evangélicos neste peculiar sistema social que é o universo prisional. Neste sentido, aparecerão inúmeras ambigüidades, tensões e conflitos, subjacentes à pertença evangélica que, se não invalidam as proposições apresentadas na primeira parte do trabalho, delineiam uma análise mais complexa do fenômeno, superando a narrativa produzida pelos conversos e contextualizando as atividades evangélicas na dinâmica das relações sociais estabelecidas na prisão, marcadas pela precariedade, característica fundamental deste universo social.

As discussões aqui propostas estão baseadas em pesquisa realizada na Penitenciária I de São Vicente, litoral de São Paulo, e Penitenciária do Estado de São Paulo, localizada no bairro

¹ As discussões aqui apresentadas são o resultado de pesquisa para obtenção do título de mestre. Uma versão deste texto foi apresentada com o título “Prática religiosa na prisão: tensões e ambigüidades” no XXV Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia – ALAS – realizado em Porto Alegre, entre os dias 22 e 26 de agosto de 2005.

² Doutoranda em Sociologia – USP, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu (início em 2007). Mestre em Sociologia – USP, orientada pelo Prof. Dr. Lísias Nogueira Negrão. End.: Rua Miguel de Lazzari, 61 Casa 4, Cep: 82.110-090, Bairro Pilarzinho, Curitiba – PR. E-mail: camilanun@usp.br. Fone: (41) 9619-7851.

Carandiru, na capital paulista, durante os anos de 2003 e 2004 (DIAS, 2005). No decorrer do texto estas duas penitenciárias serão designadas pelas siglas PSV e PE, respectivamente.

A escolha dos evangélicos enquanto foco para nossas análises não se deu por acaso, pois estes se constituem num grupo à parte dos demais presos, destacando-se tanto por sua aparência quanto por sua conduta, radicalmente diferente daquela adotada pela massa carcerária. Essas diferenças, assim como as tensões e os conflitos que envolvem sua pertença religiosa, aparecem como características próprias deste grupo religioso.

Particularidades no mundo social da sociedade dos cativos:

Para compreender o significado de práticas que ocorrem no espaço prisional é preciso, antes de tudo, atentar para as particularidades deste sistema social. De acordo com Sykes (1974) o sistema social constituído no interior do espaço prisional é marcado pela especificidade das normas e valores que presidem as relações aí estabelecidas e deve ser entendido como uma sociedade dentro da sociedade mais ampla.

A identidade assumida por um indivíduo está diretamente associada, conforme aponta Goffman (2002), às disposições institucionais que definem aquilo que se espera que um indivíduo seja, a partir do estabelecimento de certos padrões e características constitutivas do papel que o mesmo deverá representar, a fim de corroborar a posição e o lugar que determinada instituição social lhe destina. Desta forma, para compreender as identidades constituídas numa instituição tal como a prisão, é preciso tentar entender quais papéis sociais estão disponíveis neste estabelecimento, tendo em vista os padrões vigentes nas relações sociais aí estabelecidas.

O sistema social prisional não admite uma variedade muito grande em termos das identidades possíveis de serem assumidas pelos presos. Esse sistema social é constituído por dois mundos, antagônicos e opostos: o mundo do trabalho e o mundo do crime³.

Ao mundo do trabalho estão associadas normas de conduta, valores e comportamentos que regulam nossa vida na sociedade mais ampla. Os presos que se identificam com esse mundo não se consideram como pertencentes ao mundo do crime. Ao contrário, valorizam o trabalho, a família, a educação e procuram traçar planos para o momento de retorno à sociedade, fora do âmbito da ilegalidade.

³ Essa oposição encontra-se em Ramalho (2002).

Contudo, os indivíduos que perseguem esses valores dentro da prisão, devem se submeter ao sistema normativo mais amplo desta sociedade, que é o código delinqüente⁴. Esse conjunto de regras e valores está baseado, principalmente, na lealdade aos seus pares – e daí a regra máxima que é não delatar o companheiro – e nas atividades ligadas ao comércio e uso de drogas ilegais dentro da cadeia. Estes dois pilares da sociabilidade do mundo do crime, e que norteiam, em conjunção com as normas oficiais da administração prisional, as relações estabelecidas no universo carcerário, estão pautados em valores ligados a uma concepção de dignidade, coragem e honra que devem ser preservados a qualquer custo.

Esse código normativo deve ser seguido à risca por aqueles indivíduos que se encontram neste particular sistema social. A desobediência ou a infração a alguma dessas regras ou leis acarreta sanções, que vão desde agressões físicas até a morte do transgressor.

Com o crime organizado se incrustando e deitando suas raízes no universo carcerário, este sistema normativo e de valores vem adquirindo uma forma mais perversa ainda, sendo os chefes ou líderes das facções criminosas organizadas os responsáveis pelo funcionamento do sistema social prisional, pela observância do cumprimento deste código e pela imposição das sanções aos transgressores. Essas lideranças estão presentes em todas as unidades prisionais e são chamadas de “piloto”.

Assim, para compreender o sentido da prática evangélica no interior do cárcere é imperativo que ela seja considerada no contexto onde se realiza, ou seja, tendo em vista o padrão de relações sociais vigentes na prisão, regulado por valores e normas específicas a esse universo.

Conversão religiosa, mudança abrupta e radical. Princípio explicativo: o milagre

A conversão religiosa será tratada enquanto um processo de transformação no universo discursivo do indivíduo, que engloba uma mudança de valores, crenças, comportamento e na forma de interpretar os acontecimentos (SNOW & MACHALEK, 1984).

Se há a coexistência de dois universos – o do crime e o do trabalho – dentro da prisão, a conversão religiosa se constitui enquanto processo que promove uma troca de mundos (BERGER & LUCKMANN, 2000), que envolve o abandono das práticas e dos valores que compõe o que chamamos mundo do crime, e a adoção das normas de conduta, regras morais e valores que conformam o mundo do trabalho.

⁴ Para uma descrição do código delinqüente, ver Sá (1996).

O discurso religioso re-significa a trajetória biográfica do indivíduo, dando novas cores e novos sentidos ao seu passado, presente e futuro; o trabalho e, junto com ele, a educação, passam a ser vistos como vias de retorno à legitimidade social; e, por fim, os laços familiares – em conjunto com o vínculo mantido com o grupo religioso – são alçados à categoria de ponto de apoio fundamental para a manutenção dessa identidade baseada nos preceitos evangélicos.

- Reconstrução da trajetória biográfica a partir do arcabouço discursivo da doutrina:

O preso que se converte ao pentecostalismo passa a compreender o seu passado no crime como uma transgressão às leis divinas, percebendo, desta forma, o seu presente – o tempo passado na prisão – como um momento de castigo e, ao mesmo tempo, de aprendizado.

Reconhecendo os seus erros passados e a necessidade da prisão para o reconhecimento destes, o indivíduo dá sentido a essa vida pretérita marcada pela violência e, sobretudo, dota de significado esse tempo presente, dramático e carente de sentido.

O futuro para estes indivíduos é identificado com a vida aqui e agora, ou, mais precisamente, com o momento de retorno à sociedade. É este futuro que mais atemoriza e angustia a maioria daqueles que se encontram na prisão. O discurso religioso lhes permite traçar planos, delinear seu futuro, superando o sentimento de descontinuidade no tempo, que caracteriza a população carcerária e muitas vezes, impede que esses indivíduos consigam fazer um planejamento que envolva sua vida após o cumprimento da pena.

A conversão religiosa permite, em suma, uma reinterpretação biográfica, dentro do aparelho legitimador da nova realidade proposta pelo discurso religioso. Esse aparelho legitimador promove a harmonização do passado, do presente e do futuro do indivíduo, descartando alguns traços e eventos, re-significando outros, produzindo, desta forma, um conjunto de acontecimentos que são plenamente significativos. Afasta-se, assim, o caos e a anomia, e restaura-se a ordem e o sentido da vida do converso⁵, conforme podemos perceber nos relatos abaixo descritos:

eu até mesmo, olhando pelo lado espiritual, eu acho que foi o seguinte, eu acho que Deus permitiu que acontecesse na minha vida porque se eu continuasse lá fora, eu trabalhava em obra lá fora, trabalhava de pedreiro, não tinha tempo de ler a Bíblia, entendeu, se eu tivesse ficado na rua, tudo bem, tinha ficado trabalhando, mas eu não teria hoje o conhecimento da Bíblia que eu tenho, tando preso. [Fui preso] depois de dois anos [de cometer o crime], é, só depois de dois anos. Nunca vivi roubando, nem matando, nem nada, nunca usei droga na minha vida, nunca. Eu sempre fui uma pessoa trabalhadora, né, a única coisa que eu fazia na minha vida era num ter uma religião, servir, sabe, essa religião católica, quando eu servia, eu não tinha um conhecimento, nada, ninguém me passava nada como

⁵ Ver Berger & Luckmann (op.cit), Berger (1985) e Snow & Machalek (1984).

eu tinha que fazer, agora a Bíblia me ensina que eu não devo roubar, nem matar [...] Então mais ou menos uns dez anos atrás quando eu casei com a minha esposa, teve um homem de Deus que orou por mim e falou “Olha, Deus tá mandando eu falar pra você que ele tem uma obra na sua vida, uma obra de missionário mesmo, cê vai levar o Evangelho.”[...] Esse homem de Deus, ele falou pra mim que Deus ia me usar dessa maneira, Deus tinha uma obra na minha vida e eu ia pregar o Evangelho do Senhor não só no Brasil, até fora do Brasil, e eu não acreditei nisso aí, quer dizer, Deus, Ele usa as pessoas pra falar, pra passar as suas mensagens, né, e eu não acreditei nisso, depois de cinco anos vem acontecer isso na minha vida e eu creio que foi permissão de Deus. Eu era uma pessoa que eu não andava roubando, eu sempre trabalhei, eu tenho minha casa, eu tenho meus carros, minha moto, trabalho, tenho tudo, não precisava de roubar. Uma vez que eu fui roubar um carro, que tinha sido meu mesmo, aconteceu esse problema na minha vida, então eu creio que foi permissão de Deus eu ter vindo pra cadeia, aprender o Evangelho aqui (PSVPA05AD⁶).

Olha, eu nunca fui do crime pra dizer a verdade, né, eu pratiquei um delito porque nem sei o que deu na minha cabeça, mas eu nunca fui uma pessoa dada ao crime, né, eu era dono de uma oficina, sempre trabalhei, aí chegou aqui dentro e aí eu vi a diferença que há entre tá fora e tá na prisão. A prisão realmente só conhece quem tá na prisão, quem tá lá fora pode falar, mas quem tá aqui dentro sabe o que que é esse lugar e como é que é. Então, devido eu estar nesse lugar, eu senti que esse não é um lugar pra nenhum ser humano ficar realmente. Aí surgiu a situação, foi passando o tempo, fui convivendo e começaram pregar o Evangelho pra mim. Uma pessoa me pregou o Evangelho, eu no começo não queria aceitar, achei que num era pra mim, mas depois eu comecei a freqüentar os cultos, não aqui, lá em Presidente Prudente, né, comecei a freqüentar os cultos e comecei a gostar, achei interessante as palavras, as vezes vinha até de encontro, né, a gente amargurado nesse lugar, o Evangelho ele vem de encontro à pessoa (PSVCA02AD).

- Trabalho e educação: via de retorno à legitimidade social.

Para justificar o abandono das práticas ilícitas ou criminosas em troca de um trabalho que exige pouca ou nenhuma qualificação, e cujos ganhos são, na grande maioria das vezes, muito menor do que os lucros obtidos ilegalmente, os evangélicos mobilizam uma argumentação que aponta uma supervalorização do trabalho em si mesmo, independentemente do retorno financeiro.

Esses indivíduos se dizem conformados a executar um trabalho que ofereça pouco prestígio social e os desejos de prosperidade financeira são interpretados como ganância e, portanto, parte do universo que o indivíduo deixa pra trás.

Eu era uma pessoa gananciosa, tinha carro, tinha moto, tinha apartamento, tinha tudo. Que quando eu fui roubar, também eu fui fazer coisa alta [...] Hoje eu não quero *nada*, se eu puder ir pra igreja a pé, graças a Deus. Nem bicicleta não quero, não quero saber, não quero nada, acabou aquele negócio. Eu tinha uma ganância, até quando eu entrei na igreja, fazia planos, tal: “Não, quando eu sair vou ver se eu compro um carro”. Pó, tá trabalhando? Sair com essas ilusão pra rua! É o que acontece com eles. Aí saí, não consegue trabalhar, aí vão de novo pro crime. Então, eu quero pouco, mas quero estar em paz com minha família, quero estar na igreja. (PSVFA01AD).

A pessoa ela entra no mundo crime por quê? Porque ela quer dinheiro, ela quer carro novo, e todo mundo quer, não que eu não queira isso: eu quero isso, mas isso não é a prioridade de tudo. A prioridade de tudo é você ser uma pessoa respeitada [...] não quero mais ser milionário, ter uma casa, claro, se eu puder ter uma casa grande eu vou ter,

⁶ As siglas das entrevistas têm o seguinte significado: PSV ou PE: identificação da penitenciária onde foi realizada a entrevista; duas letras seguintes (PA): referência ao nome do entrevistado; número: número da entrevista; duas últimas letras: abreviatura da igreja a qual pertence o entrevistado. As siglas que se referem às igrejas têm o seguinte significado: AD = Assembléia de Deus; IURD = Igreja Universal do Reino de Deus; IN = Igreja do Nazareno; DA = Igreja Deus é Amor; MC = Igreja Mensagem de Cristo; Adv = Igreja Adventista do Sétimo Dia; TJ = Testemunha de Jeová; Cat = Igreja Católica; Es = Espírita.

eu já tenho uma casa, né, mobiliada, mas isso não é prioridade, prioridade é andar certinho, é enfim ter minha consciência limpa, né, diante de Deus [...] antes eu não ligava pra isso, eu não queria saber, queria ganhar dinheiro, queria gastar e não importa se eu tiver que passar por cima de alguém, se eu tiver que tomar isso de alguém. Hoje em dia não, hoje em dia eu mudei, eu quero realmente as coisas [...] do meu trabalho, onde lutei pra obter aquilo, né, então isso foi que mudou na minha vida. (PSVMAU06AD).

A vaidade é que faz a pessoa ir roubar, ele quer tudo na pressa, ele quer ter uma casa com piscina, ele quer ter um carrão, ele quer ter um caminhão, ele quer ter tudo, mas pegar dos outros pra ter, trabalhar pra ter ninguém quer, é difícil, entendeu, e eu falei “a vaidade é que faz a pessoa ficar aprontando, leva a ficar indo pra baile, pra boate, pra tudo esses lugar”. É aonde a pessoa se inclina pro lado do mundo e se afasta das coisas de Deus [...] depois que eu me converti a pessoa já ligou pra mim “Tem um trabalho aqui, 80 mil está em cima da mesa, só tá a gerente e o dinheiro tá aqui na mesa”. Eu falei “Pô, parei com o crime, me converti”. “Peraí, você se converteu, mas não custa você vir aqui pegar os 80 mil, divide e você vai embora, Deus não vai reclamar de tu pegar esse dinheiro”. Eu falei “Eu tô com seriedade, não quero”. Fui embora. A outra mercadoria custa 500 mil reais, já tinha entrega, o cara tinha que pagar 220 mil, aí reduziu pra 180, eu não quis, o outro lá recebeu uma parte e me levaram três mil, eu falei “To fora, não quero”. E pra mim não aceitar esse dinheiro eu pas sei uma luta, eu não tinha nada, eu falei e agora? Eu falei pra minha mulher “Me ofereceram três mil mas o dinheiro é roubado, eu não posso pegar”. [Ela falou] “Seu palhaço, você é um trouxa”, me chamou de um monte de nome. (PSVEL10AD).

A educação é valorizada enquanto instrumento de auxílio na promoção da qualificação profissional, para abrir oportunidades de reinserção social. A valorização da educação universal, de aquisição de cultura *per se*, inexistente para esses indivíduos imersos em problemas e questões que exigem soluções imediatas e urgentes.

Pra ressocialização, eu acho que deveria ser obrigado, a escola deveria ser obrigatório, se você não estudar, você não vai embora. Deveria formar o preso, porque o estudo ele abre os horizontes, ele abre a mente do cara [...] deveria trazer oficina, socializar, profissionalizar o preso, dar cursos, pra sair daqui você saber ter pelo menos uma profissão [...] tá saindo cara daqui com 20 anos de cadeia e não aprendeu nada, saiu bandido, sai, fica dois meses na rua, três meses, tá tonto. Então escola e trabalho seria prioridade do governo para o preso, pra ele sair alguém, pra ressocializar, pra eles ver que através do trabalho ele vai tratar da sua família, ele não precisa roubar dos outros. (PEAD07AD).

- Família e grupo religioso: sustentáculos da ordem moral

Os presos evangélicos buscam resgatar os laços que, na maioria das vezes, se encontravam estremecidos ou mesmo rompidos com sua família e vêem o grupo familiar como uma bóia onde esperam poder se agarrar para ter condições de abandonar de vez o mundo do crime.

O aprofundamento da vida destes indivíduos no mundo do crime é marcado, na maioria das vezes, pelo seu afastamento da família, o que caracteriza o momento de rompimento dos vínculos sociais mais importantes. Vínculos estes, essenciais para a constituição do homem enquanto ser moral e que nos torna parte do todo social⁷.

⁷ Ver Durkheim (2000).

Historicamente, há uma forte relação entre a religião e a família, na medida em que esta última se configura como o espaço privilegiado de transmissão das tradições e dos valores religiosos, fornecendo a base moral e o contexto social próprio para a socialização das normas e padrões de conduta religiosamente orientada. Por isso, de acordo com Machado (1996: p. 35), “as religiões costumam assumir a moral familiar como base da ordem social mais ampla, e adotam a família como símbolo de estabilidade moral e social”. Dessa forma, um dos traços mais característicos dos presos conversos ao pentecostalismo é a súbita valorização da família e o desejo, concomitante, de resgatar o seu lugar junto a ela, como fica claro nas falas transcritas abaixo:

Aí a pessoa entra pro crime, aí faz um monte de assalto, essas coisara toda. Ele num chega com o dinheiro pra família, ele gasta tudo à toa. Aí depois que ele entra em cana ele vai querer que a família traga dinheiro pra ele, venha visitar ele, ainda chega e fala um montão pra ele. A família vai vim? “Graças a Deus que ele tá preso lá, que fique lá pro resto da vida, que nunca mais apareça”. Aí ele fica revoltado e sai falando que quer matar todo mundo [...] é lógico que aí ele fica num sei quanto tempo sem ter visita, sem nada, ele sai revoltado, num é servo de Deus nem nada, sai revoltado, e a pessoa sendo servo de Deus, você já vai ter um... como é que diz? Um... um relacionamento legal com a família. (PEJR12TJ).

O que é a pirâmide da sociedade? É a família. Se você sai sem uma família, você sai desestruturado, pô! Você não tem estrutura, a estrutura está na família. Se não tem a família pra te apoiar, 99% de chance que você vai voltar pro crime. (PEAD07AD).

Muitas das vezes, a pessoa saindo daqui com Deus, e ela num tem uma família lá fora, que a família é um apoio, é a base de tudo. Se ela não tiver, quer dizer, fica mais fácil da pessoa voltar aqui. Na realidade, fica bem mais fácil [...] é porque vai ser uma luta maior [pra se manter longe do crime], não que a pessoa vá voltar. Tem casos de repente que a pessoa não vai voltar, mas já é um passo a mais pra pessoa voltar [...] porque a família vai ser um começo. Porque muitos daqui já até voltaram aqui pra dentro da cadeia, porque lá fora não tiveram o apoio da família. Tem muitos casos aí, a pessoa sai, quer dizer, a pessoa não tem nem pra onde ir, não tem nem pra onde chegar pra ela analisar e pensar o que vai fazer, a pessoa já sai daqui pra ficar na rua, quer dizer, o que vai vim na rua, vai oferecer pra ela é a porta do crime, a porta do crime sempre vai tá aberta, então quer dizer, a pessoa tem que sair daqui com Deus e ter uma família, ter alguém esperando ele. (PEAP06IURD).

Muitas vezes, contudo, o preso provém de uma família tão desestruturada, cujos laços se esgarçaram a tal ponto, que a aproximação torna-se impossível. Nestes casos a igreja propõe ao indivíduo constituir-se como a substituta da família enquanto sustentáculo de sua consciência social, base para manutenção da ordem moral e ética pela qual o indivíduo deve orientar suas ações.

O grupo religioso é apresentado ao indivíduo, nestes casos, como o refúgio solidário e moralmente forte, que assegura a manutenção dessa estrutura de plausibilidade fornecida pelo discurso evangélico. É no grupo religioso que esse indivíduo encontra as bases sobre as quais lhe é possível sustentar essa identidade recém-assumida, que tem na doutrina pentecostal seus

elementos constituintes. Fornece ao preso, em suma, a possibilidade de estabelecer laços sociais que o vincule novamente à sociedade e que dê sentido à sua pertença social.

A gente na religião aprende a deixar o eu de lado, tudo eu posso, tudo eu faço, eu quero [...] Hoje eu vejo que eu tinha uma família sem condições de ensinar. Daqui de dentro eu instruo eles melhor do que naqueles tempos que eu tava junto. Através da religião, do que eu aprendi através da religião é o que eu passo pra eles hoje e dá uma impressão que eles estão melhor também, até nos estudos, nas escolas, tão sempre escrevendo uma carta, vindo me visitar [...] Eu creio que uma pessoa presa talvez ela sinta falta de uma família, ou às vezes de amigos, ou até de um trabalho ou às vezes o lugar num.... num dá uma ocupação pra pessoa, a pessoa fica aí andando, andando nos pátios, subindo e descendo escada e não tem nada pra fazer, então na igreja tem sempre uma ocupação, ocupa aquele espaço ali, o vazio que a pessoa tem. (PEPJ10TJ).

Eu montei uma família dentro da cadeia, quando eu cheguei eu perdi tudo, todos os meus familiares se afastaram de mim quando cheguei dentro da prisão e devido à solidão depois de eu ter aceitado Jesus, mudado de vida, eu arrumei uma esposa dentro do sistema, casei com ela e essa matéria da solidão já não sinto mais tão solitário como eu me sentia quando eu cheguei nesse lugar. (PESI13AD).

Grupo religioso: interação intensa e isolamento da massa carcerária

É o grupo religioso que fornece a estrutura de plausibilidade necessária para o indivíduo conservar sua identidade evangélica. Isso significa, acima de tudo, promover uma interação intensa do grupo religioso, desenvolvendo atividades que ocupem todo o tempo disponível do indivíduo, e ao mesmo tempo, desqualificar todas as identidades que venham a competir com aquela proposta pela religião.

Especialmente nas prisões, onde há um número elevado de pessoas convivendo num mesmo local, a manutenção da identidade religiosa exige uma verdadeira blindagem dos conversos que conta inclusive com o seu isolamento físico, traduzidos na existência de celas exclusivas para os crentes. Nestas últimas, o indivíduo é obrigado a seguir uma série de preceitos, regras e normas, que definem e caracterizam o estereótipo pentecostal, cuja base é a condução de uma vida santificada.

Segundo os presos responsáveis por estas igrejas, o número elevado de atividades religiosas dentro da cadeia é fundamental para a manutenção do converso dentro das normas e das regras de conduta impostas pela religião, pois, segundo eles, se o preso dispuser de tempo livre ele ficará suscetível às influências perniciosas do ambiente prisional.

Além disso, é importante salientar que, se na Penitenciária I de São Vicente a única denominação existente era a Assembléia de Deus, na Penitenciária do Estado, além desta, entrevistamos presos pertencentes às seguintes igrejas: Deus é Amor, Universal do Reino de Deus, Missão Evangélica Mensagem de Cristo, Nazareno, Adventista do 7º Dia e Testemunhas

de Jeová. Surpreendentemente, no entanto, todas as observações feitas até este momento, assim como aquelas que seguirão, são válidas indistintamente para os fiéis de todas as igrejas apontadas acima.

Assim, a despeito das diferenças teológicas, rituais e doutrinárias entre essas igrejas, dentro do cárcere elas constituem-se enquanto um todo uniforme e homogêneo⁸.

Conforme já apontamos, em complemento com a ampla gama de atividades religiosas que o crente na cadeia é obrigado a se envolver, há um repertório não menos amplo de atividades que o mesmo é proibido de realizar.

A igreja não permite que a gente pratique certos tipos de esportes, no caso jogar bola [...] andar com traje não adequado na frente das pessoas e isso porque o cristão na verdade, ele é reconhecido não por ele estar com a Bíblia embaixo do braço, como muitos fazem, é pela atitude dele, então a gente procura pôr isso em prática [...] na maneira dele... levar um assunto, conduzir uma palavra a alguém, o Senhor vai perceber que ele é um cristão, então a gente procura adotar esses ensinamentos. (PEPJ10ADV).

Eu creio que a pessoa, a partir do momento que ela vem no Evangelho ela tem que ter uma mudança de vida, não que é uma pessoa careta, né, criticar a vida de ninguém, mas ela tem que ter realmente uma mudança de vida, ela tem que realmente mostrar que é uma pessoa nova em Cristo, porque a partir do momento que a pessoa passa a seguir a Cristo, o apóstolo Paulo explicou, né, ele diz que “assim que aceitamos Jesus, nova criatura nós somos”, as coisas velhas já se passaram, então tudo que eu fazia antes eu não posso mais fazer. (PSVPA05AD).

A gente tá dentro da cadeia, então nós temos que fazer essa diferença, entre o ímpio, que a gente diz que é o ímpio, que é o preso normal, e o crente Então existe também a doutrina da Assembléia de Deus, que proíbe qualquer tipo de esporte, dentro da cadeia.[...] As pessoas, elas têm que olhar e ver a diferença, você tem que fazer a diferença no meio de 400 presos, você tem que ser diferente deles, você não pode passar a ser igual a eles, maquinando o mal, pensando em sair da cadeia pra fazer tal coisa, e vai fazer isso e aquilo, pô! (PSVMAR08AD)

O mundo, se você fazer parte dele, você não é um seguidor de Deus. Por exemplo, o mundo, hoje em dia tem a moda, né, saiu uma camisa, a pessoa já compra uma camisa, quer aparecer igual todo mundo, né, então testemunha de Jeová vive no mundo, mas não faz parte do mundo, de uma certa forma, não comemora datas, né, festivas, comemoração. Tudo isso a Bíblia não indica, e ainda fala que não é pra fazer parte, né, de festas, bebedeiras. (PERI01TJ).

A doutrina da igreja [Deus É Amor] não permite que o obreiro, tá entendendo, possua um aparelho de televisão, ande de bermuda, jogue bola... tem que ser uma pessoa assim separada, u ma pessoa santa. (PERL02DA).

Se o cara não é evangélico, ele no presídio ele se converte, se ele fumava droga ele num vai fumar mais, se ele prostituía ele não vai prostituir mais, entendeu, se ele enganava ele não vai enganar mais, porque o Evangelho é mudança, pô! Se ele não mudar é porque não houve Evangelho na vida dele [...] Se não houver mudança pra ficar em nosso meio, é melhor sair. Gingado de malandro não precisa mais, pra quê? Somos evangélicos. Ficar o dia inteiro com a Bíblia debaixo do braço pra mim não quer dizer que isso é evangélico. Isso aí é bibliolatrar, tá idolatrando a Bíblia. Se as pessoas não crentes olham pra você e vê que você é um cidadão do céu, há a diferença na tua vida, o seu falar é diferente, o seu andar é diferente, o seu modo de se expressar é diferente, então as pessoas falam, verdadeiramente esse camarada aí é de Deus. (PEAD07AD).

⁸ Para uma discussão das diferenças existentes entre as várias vertentes pentecostais, ver Mariano (1999).

Ser um servo de Deus não é só pegar uma Bíblia e colocar embaixo do braço. Que Bíblia não é desodorante. Na igreja chegar lá e ficar mão pra cima, fazendo “glória, glória, glória, glória”, não é só isso não, ser um servo de Deus envolve muito mais do que isso, primeiro tem que ter a pregação da palavra [...] mas na realidade você tem que mostrar, as pessoas tem que ver uma diferença de quem serve a Deus e quem não serve, a própria palavra fala que a luz, ela tem que brilhar [...] pras pessoas ver esse brilho, é esse estudo que você tem que ter, você tem que ter uma diferença daquele que serve a Deus e daquele que não serve. (PEJR12TJ).

No que se refere a questão da superpopulação nas celas – problema crônico do sistema penitenciário brasileiro - as duas penitenciárias nas quais esta pesquisa foi realizada apresentam diferenças importantes: enquanto a PSV (assim como a maioria das prisões em São Paulo) possui celas superlotadas e os problemas daí decorrentes – conflitos, consumo de drogas ilícitas e bebidas etc - , a PE aparece como uma exceção no sistema penitenciário paulista.

Atendendo às concepções que orientaram a sua construção, no início do século 20, as celas da PE foram planejadas para abrigar apenas um preso, sendo que no momento de realização da pesquisa a maioria delas contava com dois presos. De qualquer forma, mesmo abrigando dois indivíduos, os problemas de convivência diminuem significativamente, na medida em que é muito mais fácil solucionar os conflitos decorrentes da convivência entre apenas duas pessoas no mesmo espaço, ainda que este espaço seja extremamente reduzido.

Assim, no que se refere à questão do isolamento dos presos evangélicos, havia uma diferença importante entre as duas penitenciárias, derivada das suas diferentes formas de convivência nas celas. Na PE, embora os presos admitissem que preferiam que o companheiro de cela fosse evangélico, havia casos em que isto não acontecia e este fator não chegava a ser um problema grave, podendo ser administrado facilmente. Na PSV, contudo, a convivência dentro das celas apresentava-se como um problema de fato e exigia a ação dos evangélicos no sentido do isolamento como o primeiro passo a ser dado quando o indivíduo se convertia ou se definia enquanto tal.

Assim, havia nesta penitenciária três celas destinadas aos presos evangélicos, cada uma delas abrigando em torno de 12 ou 13 pessoas, sendo as demais celas ocupadas pela massa carcerária, isto é, pelos presos sem vínculos religiosos com a Igreja Assembléia de Deus, a única que lá atuava.

Decidindo-se pela conversão ao pentecostalismo, a primeira coisa a se fazer, nesta penitenciária, era a mudança para alguma das celas ocupadas pelos presos evangélicos. Uma vez instalado nela, o indivíduo deveria se submeter às regras e normas da igreja, sancionadas pelos pastores externos, impostas pelos líderes evangélicos internos à prisão e com cumprimento

supervisionado por funcionários e principalmente pela massa carcerária, conforme será visto em detalhe mais adiante.

Na PE, embora inexistisse esse problema, havia o reconhecimento, pelos entrevistados, da necessidade desse isolamento nas cadeias com um grande contingente populacional nas celas e a descrição da existência do mesmo mecanismo de segregação dos evangélicos da PSV em outras penitenciárias, pelas quais já haviam passado. Nas entrevistas transcritas abaixo, podemos ver quais são as justificativas para a segregação física dos convertidos ao pentecostalismo em relação à massa carcerária, sendo a presença marcante das drogas ilegais e da violência um dos pontos-chave. Para os entrevistados, esse isolamento é condição necessária e indispensável para a consolidação da identidade religiosa, para a manutenção da conduta religiosamente orientada e da estrutura de plausibilidade na qual o converso reconstrói sua própria biografia e ancora seu novo mundo social.

Numa cela que não é evangélica o povo fuma cigarro [...] as pessoas falam palavrão, a pessoa faz isso e aquilo outro, e a pessoa que ta fazendo a vontade de Deus ele não pode se envolver com esse tipo de coisas, coisas erradas, né, ela num tem como morar numa cela, é, como eu falo pra senhora, num tem, é completamente diferente, a senhora tá morando numa cela evangélica e numa cela normal, não tem condições, por isso que tem a igreja separada, a própria população na cadeia, eles pensam assim porque, por exemplo, uma pessoa que ela não é evangélica, numa cela ela faz o que ela quer da vida, e uma pessoa que é evangélica é totalmente diferente a vida que ela leva, então a própria população eles concordam da cadeia ter um espaço separado pra igreja, todas as cadeias elas têm esse espaço. (PSVPA05AD).

Dentro do cárcere, logo que você se converte vai [pras celas de evangélicos] porque tem celas norma is e tem celas evangélicas, né, e as celas evangélicas as pessoas que não fumam, que não usam drogas, ficam numa cela separada, né, uma cela só de evangélicos, né. [...] Porque é como eu disse, não num dava mais pra ficar falando de crime, e de coisa que eu cometi, eu fiz isso, eu fiz aquilo no passado, depois que eu tô crente, depois que eu me converti, o Deus mudou minha vida, parei de usar drogas, o que eu falo é o meu testemunho, falando da minha vida [...] se a pessoa começa a falar de crime, eu já me afasto e já saio, porque ali já não cabe mais pra mim, pensar daquele jeito. (PSVMAU06AD).

Eu procurei o melhor pra mim. Melhor pra mim foi poder estar dentro de uma cela evangélica, onde as pessoas não usam droga, não fumam, não tem confusão, não tem briga, não tem nada e eu procurei o meu próprio bem-estar com o mundo em primeiro lugar, porque nas outras celas... não preciso falar que sabe, né, toda cadeia, existe muita violência e drogas e muitas coisas mais, contravenção da lei que me prejudicam, como eu tô visando o semi-aberto, né, to saindo pra colônia, né [...] como eu vou parar com a droga, se eu moro com você que usa droga, que tá todo dia usando droga. Então foi o que vim pra cela evangélica, onde as pessoas não usam droga, as pessoas são mais pacíficas, as pessoas se ajudam, as pessoas dividem o alimento. Não quer dizer que os outros presos não fazem isso, mas existe a diferença, existe uma diferença muito grande, porque eu sei que eu já morei junto com o ímpio [...] por exemplo, eu sei que você não quer fumar, mas hoje eu vou fazer um cigarro de maconha e vou te oferecer, aí vem um: “que nada meu, cê já tá preso mesmo, já tá aqui, vai ficar de cara assim, se entoca aí meu, fuma mesmo”. Então existe essa influência do mal dentro de todas as outras celas, sem ser a cela evangélica. (PSVMAR08AD).

Segundo os líderes das igrejas dentro da prisão, uma de suas incumbências mais importantes e que lhes dá mais trabalho, é justamente a necessidade de vigiar seu rebanho o

tempo todo, a fim de ter certeza de que os mesmos estão cumprindo as normas da igreja. Segundo esses presos, a grande maioria dos conversos resiste a acatar tais ordens, e, nessas ocasiões instaura-se um problema, cuja solução ultrapassa o âmbito de influência dos pastores ou presos evangélicos.

Nós tamos trabalhando com mudança de vida, precisa ser imposto algumas regras. Entre elas, uma é não se misturar com o mundo, por exemplo, nós não vamos no pátio ali jogar dama, dominó com os caras, nós proibimos essa atitude. Por quê? Se ele tá ali, tá no pátio, vai rolar droga, vai rolar maconha, vai rolar alguma coisa e ele vai tá envolvido, então a gente já proíbe e tem atividade na igreja pra ele estar. (PEAD07AD).

Na cadeia, a gente se separa por causa do quê? Porque as leis daquela pessoa não evangélica, ela começa a convencer uma pessoa que aceitou Jesus agora e que a gente coloca como um bebê, tá começando agora, se deixar essa pessoa junto com ele, ela vai se corromper e ela num vai conseguir se desviar daquilo. Às vezes o cara tá com uma maconha e fala “tô irmão, fuma aí, vai”, é um amigo dele, “não, não vai falar pro pastor, não”. Então nessa daí acaba indo aquela pessoa que ta querendo mudar de vida.... então, muitas vezes o pastor, ele opta por separar um pouco (PESI13AD).

Ao contrário do que tentam demonstrar os conversos, contudo, as relações entre os membros das igrejas evangélicas não estão totalmente livres de conflitos: ao contrário, a enorme lista de obrigações e de proibições impostas àqueles que se convertem ao pentecostalismo na prisão é fonte de constantes conflitos, tensões, brigas e perseguições entre os religiosos. Muitos evangélicos afirmaram que discordam de algumas atividades que lhes são proibidas, atividades que, segundo eles, a igreja não restringe para seus adeptos na sociedade mais ampla. Algumas restrições são impostas pelo fato de ocorrerem dentro da prisão e não pelas atividades em si mesmas. Desta forma, há uma forte resistência de alguns membros em acatar tais restrições, o que obriga os líderes evangélicos a vigiarem constantemente seu “rebanho” a fim de evitarem o envolvimento de alguns com aquilo que não é permitido.

Sendo a prisão um local extremamente restrito, as atividades permitidas aos que lá se encontram adquirem um valor muito maior do que teria na sociedade mais ampla, pelo simples fato de se constituírem como o possível de ser realizado. Nesse sentido, atividades banais, tais como assistir televisão, ouvir rádio, fazer exercícios físicos e principalmente jogar futebol adquirem um valor e um sentido que são proporcionais às limitações e restrições dessa população.

Aos evangélicos, assistir televisão e ouvir rádio lhes é facultado, com a condição de que seu acesso seja restrito às programações religiosas. A prática de exercícios físicos e jogar futebol, no entanto, são terminantemente proibidos. Essa proibição se constitui numa constante fonte de

intrigas e conflitos entre os “irmãos”, que alegam serem estas as únicas formas de “gastar energia” e que na doutrina da igreja não há nada que justifique tal restrição.

Os líderes evangélicos ou pastores justificam as restrições à prática de esportes em decorrência do ambiente pernicioso da prisão, onde tais atividades podem ganhar formatos violentos e promover disputas que poderiam acabar em brigas. Eles fazem questão de destacar que não sentem falta de tais atividades, querendo com isso dizer que a sua devoção às “coisas” da igreja é completa e total. Atribuem, por outro lado, àqueles que sentem falta dessas atividades, falta de firmeza na decisão de mudar de vida e colocam em xeque a veracidade de sua conversão.

Para além das alegadas restrições às práticas de esportes, o fator decisivo está fora do âmbito de atuação ou de influência dos membros das igrejas ou até mesmo dos seus líderes. Quando estes últimos argumentam que tais atividades são permeadas por uma disputa violenta, o que tornaria a participação dos evangélicos indesejável, na verdade a questão central deixa de ser abordada: os evangélicos seriam alvos preferenciais dessa violência por parte da massa carcerária em caso de participarem de alguma atividade de lazer, em especial aquelas coletivas, tais como jogar futebol. Essa segregação dos evangélicos, portanto, mais do que sinal de purificação, é imposta a esses presos por parte dos demais membros da população carcerária. Dessa forma, independentemente da postura oficial das igrejas ou dos seus pastores, aos evangélicos na prisão é vedada a sua mistura com a massa carcerária e o convívio é impraticável. Adiante se voltará a essa questão. Nos trechos das entrevistas reproduzidos abaixo, ficam explicitadas algumas questões fundamentais:

Ah, eu sinto falta de jogar bola de vez em quando, porque jogar bola aqui dentro da cadeia é muito violento, pode tomar um chute, agredir, tomar uma pancada no joelho [...] na cadeia, desde quando eu voltei pra cadeia também eu afastei do futebol, independente da religião, porque eu acho que não convém pra mim jogar bola aqui dentro. (PERI01TJ).

Não é que não pode [praticar esportes], é devido o lugar que nós estamos, por exemplo, aqui não jogamos bola e não fazemos exercícios físicos devido à *cobrança que há por parte da população* [...] não existe respaldos no cristianismo pra proibir de o cristão de jogar bola, de assistir determinados programações [...] Eu sinto [falta], acho de fundamental importância futebol, são atividades esportivas, então [...] procuro gastar isso caminhando, no pátio, né, por respeito aí ao que a igreja lá determinou, quem sou eu pra querer contrariar, então eu procuro sanar essas necessidades com outras atividades, com a leitura, com a caminhada. (PSVRE04A D).

A Bíblia, de hipótese alguma ela condena o esporte, aí tem pessoas que criticam, mas a gente não podemos condenar o esporte [...] eu mesmo não condeno a física, mas só que no devido lugar que nós nos encontramos eu já não permito os irmãos fazer física, por quê? Porque as *pessoas que estão aqui eles vêm os irmãos fazendo física às vezes né, acha que aquilo é um mau testemunho*, que eles não podem, que é errado por ele ser crente [...] na minha igreja, eu não aceito eles fazer física, no devido lugar que nós nos encontramos [...] pra não trazer um mau testemunho, né,

um comentário [...] a gente aconselha a não jogar [bola] por quê? porque nós temos a nossa tarefa dentro da igreja. (PEMC03IN).

Para explicar melhor essa questão, introduziremos mais informações nesta análise. A partir de agora, apresentaremos alguns elementos que dizem respeito não mais à organização e às relações internas, entre os evangélicos, mas às relações estabelecidas entre estes e a massa carcerária. Sem dúvida, residem neste relacionamento, muitas das explicações que caracterizam e definem a posição real dos evangélicos no sistema social prisional. Dada a especificidade deste mundo social, não podemos alcançar a compreensão exata dessas atividades simplesmente transportando o arcabouço teórico que utilizamos para interpretar os fenômenos religiosos que ocorrem na sociedade mais ampla.

Igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo:

Há uma desconfiança constante pairando sobre os presos evangélicos, ligada a uma suposta ausência de sinceridade na sua devoção religiosa. Há uma unanimidade quanto a esta questão, por mais estranho que pareça, mesmo quando são considerados os discursos dos próprios religiosos – sempre tomando o cuidado de enfatizar, obviamente, que não se tratava do caso daquele que estava falando, mas sim de outros membros da igreja.

“Esconder-se atrás da Bíblia” é um jargão freqüentemente utilizado para se referir às pessoas que teriam se convertido por razões alheias àquelas propriamente religiosas.

Dizer que alguém está se escondendo atrás da Bíblia significa dizer que esta pessoa está fingindo ser crente para fugir de acertos de contas com a massa carcerária. Conforme já expusemos antes, nas normas que regulam a relações sociais entre os membros da sociedade dos cativos, não existe possibilidade de perdão – tudo tem seu preço. Desta forma, ao quebrar uma regra o preso permanece numa situação extremamente delicada, sujeito a inúmeras penas, que vão desde humilhações e agressões à perda da vida.

Uma das alternativas para resolver essa questão é a conversão religiosa, ou, nas palavras dos presos “correr para a igreja”. Uma vez tendo se convertido ao evangelho o preso permanece apartado da massa carcerária, deixa de fazer parte do mundo do crime - e daí as inúmeras atividades religiosas as quais deve se submeter e as muitas outras que lhe são proibidas.

Esse indivíduo é, por assim dizer, expulso do mundo do crime, a partir do momento em que infringe uma de suas regras. Uma vez expulso é exigido do mesmo que uma outra identidade

seja assumida. O infrator das leis do crime não pode mais ser “malandro”, não faz mais parte deste mundo; sabe que é só uma questão de tempo e de oportunidade para que seus inimigos promovam o acerto de contas, tão comum nas relações sociais estabelecidas na prisão.

A identidade de evangélico é, desta forma, extremamente desacreditada pelos demais. O evangélico deve se manter o tempo vigilante no seu papel de crente, tomando cuidado para que nenhuma atitude esteja em desacordo com essa identidade.

Quem tá na igreja normalmente é porque tem algum tipo de problema também, então muitos não são evangélicos, vão ali só pra se esconder mesmo atrás da Bíblia, sabe [...] A gente vê assim as pessoas que entram na igreja que tem problema, dívida por exemplo, e os caras vão pegar ele, vão dar um pau nele. Aí ele se esconde na igreja, vai pra igreja, aí lá ninguém pode encostar a mão nele, porque ele foi pra lá porque ele tava com problema [...] Aí ele fica na igreja, não pode tirar a roupa, tem que fazer orações, tem que participar dos cultos tudo, aí se não tiver de acordo, tem que sair da cadeia, morar no seguro. Ali [na igreja] é como se fosse um seguro, só que dentro da cadeia [...] porque ali é respeitado, ninguém pode encostar a mão, entendeu, mas tem que seguir. Mas depois saem da igreja, aí quando sai, esses que se escondem atrás da Bíblia, começam ir pras drogas de novo, fumar cigarro, jogar futebol, brigar, xingar, então num é evangélico real, né, um cara que se esconde atrás da Bíblia e aí fica malvisto pelos demais. (PSVFA09CAT)

Geralmente, a gente sabe quem tá corrido, que nem esses que tá aqui já um monte de anos, por que depois vira crente? Porque começa a comprar drogas, começa a apanhar dos outros, não pagar e tal, então ele corre pros crentes, pra poder fugir das drogas e ao mesmo tempo os cara: “não, mexe não, que é irmão, é irmão, deixa pra lá”. Então, quer dizer, virou irmão, não convive mais com a malandragem, então deixa pra lá que ele não vai atrapalhar nós, então corre, mas corre... não é que vai por coração né. (PEED08ES).

Porque tem muita gente que tá na igreja, nem por isso ela realmente tem um coração voltado pra servir a Deus, quer dizer, é o que eu falo, uma coisa é você vem pro Evangelho porque você quer, você sente realmente as coisas, e outra vez você pode vir também porque você não consegue ficar [...] ninguém quer ser aquele seu amigo, ele sai ocupando cela, né, ele faz uma coisa errada numa cela, coisa errada noutra, então ninguém te aceita, o único lugar que te aceita é a igreja, a igreja aceita qualquer um que vem, aí a pessoa acaba ficando na igreja, e acaba essas pessoas não dando o testemunho que a gente tem que dar. (PSVMAU06AD).

As coisas não é fácil, né, porque a gente vive junto, né, a gente dorme junto, come junto, a gente acorda junto, a gente se alimenta junto, e sempre há uma discórdia entre nós, que alguns concordam com algumas coisas, outros não concordam. Alguns querem uma coisa, outros não querem, então é feito uma reunião e a gente escolhe o melhor e dependendo da pessoa, se a pessoa dá problema ou ele não quer nada e tá ali criando confusão, a gente pede pra pessoa se retirar [...] esse camarada, que ele tá fazendo dentro da igreja? Se ele tá dizendo que quando ele sair ele vai roubar, ele vai matar? (PSVMAR08AD).

Se tá aqui dentro é fácil, a pessoa vem aqui e fala pra você “Ah, minha vida mudou, depois que eu to com Cristo mil maravilha, olha, tudo mudou”. Mas lá fora é tudo o contrário, volta de novo pra cadeia com assalto. Então, eu falo, a pessoa tem que ser bem franca, bem sincera e honesta e saber se ta realmente servindo a Deus ou não, que as pessoas usam às vezes o Evangelho como um alibi, pra se esconder não sei pra se defender daquilo que ele praticou e diz “Ah, agora eu sou evangélico, minha vida mudou 100%”, mas no fim não é nada disso [...] Acontece isso, e acontece das pessoas estar aí fora e arruma problema, e não tem lugar pra morar e vem morar dentro da igreja e num tem jeito, como que eu vou falar pra uma pessoa dobrar o joelho e orar meia hora? Não tem cabimento. (PSVEL10AD).

Essa questão aí das pessoas falar, que o cara se esconde atrás da Bíblia é uma verdade, pô! O estuprador, ele não pode morar com bandido, onde ele vai morar? Aqui na penitenciária tem alguns, mas ele tem que recebê-lo; o cara fumou droga a torto e a direito, tomou tapa na cara e não tem onde ele morar, ele vai morar aonde? E a gente tem que receber. Então a igreja é refúgio dos doentes, a igreja é um ponto de socorro no presídio, se não tiver igreja, não tem onde ele ficar, ele vai ter que ficar no seguro lá na frente. (PEAD07AD).

Acho que a única cadeia que aceita estuprador é essa aqui e.... o cara vai se esconder atrás da Bíblia por causa disso daí, aí ele chega numa cadeia, ele sabe que o bicho vai pegar pra ele dentro da cadeia, certo, aí ele vai pra igreja, fica dentro da igreja e fica protegido e tal. Então, uma das formas de se esconder atrás da Bíblia é isso aí. Ainda tem outro que ele usa droga pra caramba, aí ele faz um monte de dívida, num tem como pagar, aí ele corre pra igreja também pra se esconder. (PEJR12TJ).

Assim, sendo a prisão uma instituição na qual ocorre o que Goffman (2001) denomina “despojamento do papel”, isto é, a impossibilidade de representarmos diversos papéis na nossa vida cotidiana, conforme fazemos na sociedade mais ampla, a vida social neste estabelecimento é marcada pela precariedade, estando os encontros sociais que aí ocorrem sempre sujeitos a ruptura de sentido.

Assumindo, pois, a identidade de crente, o indivíduo deve representar esse papel o tempo todo. Deve, para isso, esconder informações ou atributos que possam desacreditá-lo no papel que representa (GOFFMAN, 1988). Ocorre que, na prisão, convive-se com as mesmas pessoas durante muito tempo, sem ter privacidade alguma, e, em decorrência disso, há uma tensão permanente e um conflito constante entre aquilo que os indivíduos tentam mostrar que são e o que transparece nas suas atitudes.

Uma fórmula muito utilizada pelos evangélicos para tornar a sua identidade religiosa mais autêntica, mais acreditada e legítima, é buscar no seu passado a existência de vínculos com a religião evangélica os quais, na prisão, teriam sido retomados.

Ao voltar ao passado para justificar sua pertença religiosa atual, o indivíduo busca estabelecer uma continuidade na sua biografia que permita dar inteligibilidade a sua situação atual. Busca legitimar sua conversão apelando para uma pretérita ligação com a religião, que teria sido, desta forma, retomada no momento presente.

A conversão religiosa, conforme vimos anteriormente, significa uma ruptura com o passado, com o mundo do crime. Mas, para torná-la legítima, muitas vezes é necessário recorrer a esse mesmo passado, re-significando elementos antes dotados de menor importância, a fim de dar sentido a uma situação que, de outra maneira, careceria de credibilidade.

Eu tinha mais ou menos 14 anos de idade [...] minha mãe aceitou um estudo bíblico [de uma Testemunha de Jeová] e começou estudar pela Bíblia, né, e aprender quem é o verdadeiro Deus, o modo que ele requer que nós adoramos a Ele, e ela achou interessante e passou pra nós, né, eu e mais três irmãos começamos a estudar também, só que nós não continuamos, né, fui pro crime, me envolvi com o crime, só que eu fiquei conhecendo dentro da Bíblia o modo correto de adorar a Deus [...] desde quando eu cheguei [na prisão] um mês eu fiquei procurando pra ver se eu achava testemunha de Jeová e depois que eu encontrei eles, retomei os estudos. (PERI01DA).

Isto, perfeitamente, [me converti] antes de estar preso. Eu até classifico esta prisão como uma instituição divina na minha vida, por quê? Eu não cometi crimes, então eu acredito que isso é uma providência divina para elevar e semear o Evangelho. (PELC04MC).

Lá fora [me converti]. Foi assim: esse crime que eu cometi foi em 98. Em 2000 eu fui assistir um batismo numa congregação a qual minha esposa congregava e eu sempre falava pra minha esposa que um dia quando eu fosse congregador assim, que eu fosse ser uma pessoa evangélica, sincera mesmo, eu só ia depois que eu me batizasse. Depois, pra num voltar minha palavra atrás, né eu fui um dia num batismo e me batizei nessa igreja. Aí, desse dia pra cá..... depois de uma semana eu vim preso. Como eu falei que ia ficar firme, dei uma palavra, mas aí eu comecei a ler a Bíblia e comecei a gostar, sabe, as palavras de Deus elas foram falando na minha vida. (PSVPA05AD).

Fui nascido e criado na religião evangélica. (PSVMAR8AD).

Eu ia pra igreja todos os dias, há um ano e oito meses indo pra igreja todos os dias [antes de ser preso] Em geral a gente chega entender e compreender a cada um porque lá no meio o único que é da rua, convertido na rua, sou eu. Aí, eu chego “Meu como é que eu posso exigir coisa dele se ele não tem condição!” Eles se converteram aqui dentro, e a maioria das pessoas que se convertem na cadeia cai na rua, a maioria deles! [...] Muitos olham e falam assim [pra mim] “Quê, esse irmão aí na rua...ele vai cair”, aí eu já falo: “Oh, meu irmão, eu vim da *rua*, sou crente da *rua*, não sou crente na cadeia, não, fui convertido na *rua*, eu já tava na rua servindo a Deus, eu ia todos os dias, de segunda a segunda, me sentia bem tá na casa de Deus. (PSVEL10AD).

Eu acredito somente nos que já vieram evangélicos da rua, agora os que entram daqui de dentro da penitenciária é pra se esconder atrás da Bíblia, pra num sofrer nenhum tipo de opressão. É verdade! Pra num serem oprimidos, e a opressão também surge quando as pessoas procuram, se você andar certinho sem fazer nada, na sua, ninguém vai mexer com você. Se procura faz por onde, depois não agüenta as conseqüências, né.(PSVFA09CAT).

Eu tenho um amigo que é evangélico e ele tá bem melhor, né, na igreja, se converteu até na rua, né, eu converso com ele quase todo dia, ele tá bem. Mas ele foi por escolha própria, na rua ele foi, e não chega na cadeia e querer se apegar a Deus. Eu acho que tem que ter a religião desde a rua, né. (PSVDA07CAT).

A ambigüidade da situação de preso evangélico é revelada também por alguns trechos dos seus relatos referentes à decisão de se converter. Se, num primeiro momento, creditam essa decisão a motivos sobrenaturais, tais como milagres, chamado de Deus ou, ainda, um suposto arrependimento decorrente do sofrimento causado pelas perdas geradas com sua entrada no mundo do crime, no transcorrer da entrevista muitos sujeitos acabaram revelando alguns liames, algumas pistas que sugerem que a questão é muito mais complexa do que à primeira vista podemos supor. A decisão de tornar-se evangélico é, nas próprias palavras dos entrevistados, tomada após alguns acontecimentos tensos, que envolvem conflitos, ameaças e uma situação insustentável. Se podemos afirmar que a situação de descrédito a que estão submetidos todos os evangélicos independe dos motivos reais de sua conversão religiosa, em alguns casos, porém, seus próprios relatos delineiam alguns caminhos que sugerem e reafirmam a ambigüidade de sua posição.

Para reforçar essa interpretação acerca da ambigüidade da situação dos evangélicos na prisão serão transcritos alguns trechos de entrevistas em que os evangélicos acabam revelando

algumas situações de conflito, vivenciadas por eles ou por alguém muito próximo imediatamente antes da conversão, assim como algumas estratégias utilizadas para realizar o trabalho evangelístico junto aos presos que vivem uma situação de exploração e achaque dos traficantes na prisão.

mas eu vim pra P2 [Penitenciária II de São Vicente], aí aolado [ao lado de onde estava naquele momento], aí os cara já encrespavam comigo já, porque achavam que eu fazia parte da facção que tava naquela cadeia. Aí eu tive que falar: “Não, não”. [...] Aí a coisa apertou, eu fiquei numa situação que eu não tinha mais pra onde correr [...] Aí eu me lembrei que quando eu vivia no Evangelho, quando eu tava lá com os irmãos no CDP eu tinha paz. (PSVMAR08AD).

O que me levou [para a religião] foi o sofrimento, que depois de dois anos e três meses preso, voltei de novo, né, pra cadeia, aí me levou a ficar pensando. Aconteceu também um... imprevisto lá na Delegacia de Polícia e nesse imprevisto eu fui agredido pelo... próprios detentos, depois pelos funcionários, né depois eu fiquei pensando, falei: “Pô será que é tudo isso que existe?” Então, me levou a se apegar mais com Deus, né. (PERI01DA).

Eu não vejo como a pessoa assim, ela correu [pra igreja]. Ela cansou de sofrer, né, quer dizer, muitas das vezes, de repente algumas pessoas aí vai porque apanhou aqui dentro, assim, a pessoa vai pra igreja, mas, quer dizer, Deus, muitas das vezes, Deus ele tentou de várias formas pra que as pessoas viessem até ele, quer dizer, de repente essas formas que Deus tentou a pessoa não deu ouvido, aí Deus permitiu aí uma situação mais drástica, pra que a pessoa viesse reconhecer que é só Jesus mesmo pra ajudar ela. (PEAP04URD).

Ó, a dívida [de droga] de uma maneira geral, a dívida tem que ser paga, certo? [...] Porque aí é o seguinte, se você faz dívida ou você paga ou você tem que correr lá pra frente pro seguro, certo. Se você corre pra lá, depois vão buscar porque ninguém quer perder nada, certo. Na cadeia tem que pagar tudo e geralmente as dívidas quem vai pra igreja a própria igreja paga, entendeu... Por isso que ele fica lá, porque a igreja paga. (PEJR12TJ).

O cara chega devendo lá na igreja, devendo, faz a dívida aqui dentro, ele vem, depois, o credor quer receber, tá cobrando, nós precisamos ir lá conversar, adiar a dívida, pagar o dia que vai ser pago, se ele não tiver condições nós precisamos pagar. Às vezes ele matou o irmão de outro cara na rua, ele chega aqui, precisa ir lá em cima, negociar, também, conversar. Isso é parte do pastor. Pastor de cadeia não é como pastor na rua, que entra no seu carro importado, no fim do mês pega os seus dízimos lá, enche o bolso [...] Já salvei cara na janela aí, ia morrer enforcado, fui e tirei ele da janela, conversei com os camarada, pedi uma oportunidade pro cara e o cara veio, não foi um só não, vários. Estuprador que tava aí pra ser cortado o pescoço, as facas aí, fui lá, dei uma idéia lá no cara e o cara soltou ele. Eu sei que ele veio pra igreja porque não tinha outro lugar pra ele ir, então da minha parte como pastor... Se Jesus disse: “Você precisa saber o que é misericórdia”, então eu vou tendo misericórdia. (PEAD07AD).

Por exemplo, eu vejo algumas pessoas em dificuldade, alguns tão sendo oprimido. Oprimido por quê? Porque usam droga e não tem como pagar. Aí vai virar o quê? Vai ter que lavar roupa, vai virar esquema. O que que é *esquema*, a palavra *esquema*, né? O cara [o traficante] vai por pra trabalhar, pra segurar o BO [os delitos] dele na cadeia. Então, eu chego e falo “Pô, tem que parar de usar droga meu! Eu consegui parar, tô há um ano sem usar droga, não morri, não preciso de droga pra viver. Tem um espaço lá pra você na igreja, vamos pra igreja, sai fora dessa roubada aí.” Então as coisas vai, vai, vai piorando o que acontece? Aí o cara vai e toma uns tapa na orelha, aí: “Pô, irmão queria ir pra igreja, aconteceu isso a semana passada.” Eu falei: “Pô meu, o que que é dessa vez, agora?” “Não, porque os cara querem me colocar pra segurar o BO lá dentro da cela.” Eu falei: “Ah, tá vendo, eu tô te chamando pra você vir por bem, e você não quis vim, agora você quer ir por mal né!”. Aí eu expliquei lá pra ele, “Ó lá você não vai poder fumar, lá você vai ter que acordar tal hora, você vai ter que orar, lá você vai ter que usar calça e camisa pra dormir, nem pra tirar, não pode, lá você vai ter que seguir a doutrina que ta sendo elaborada.” Aí o camarada preferiu ficar lá com os bandidos. Fazer o quê? Eu não quero, não, chega! Ser burro uma vez, mas duas vezes aí é pior ainda! (PSVMAR08AD).

A pessoa tem o livre arbítrio pra escolher, e aos poucos você, colocando a palavra de Deus nele, se ele é um viciado e ir falando, dando informação que Deus nos faz, a verdade que Jesus fala, faz na vida dele, e ele sente a necessidade de se recuperar, saber que pode ser um cidadão comum amanhã ou depois [...] Pô, tá preso, tá apanhando que nem louco, fu mando que nem louco, que quem usa droga quase não vale nada, num tem muito valor [...], se submete a cada coisa horrenda, feia. Pra conseguir a droga, mente, engana, furta e tanto aqui dentro como lá fora em liberdade e já na igreja não, na igreja nós trabalhamos em cima dessas pessoas e é um trabalho bonito, sério. (PEAD07AD).

Quebrando a perna do crime, mas submetido ao seu controle:

“Quebrar a perna do crime” é uma outra gíria utilizada na cadeia para representar, de um lado, uma certa desilusão da massa carcerária com o bandido que abandona sua vida no crime, especialmente quando esta está repleta de façanhas, com crimes e/ou fugas espetaculares. Mas aponta, também, para o já aludido descumprimento das regras deste mundo. Assim, a expressão “quebrar a perna do crime” é utilizada para se referir a alguém que deixa de ser “digno” de fazer parte desse universo.

Desta forma, se já não é mais possível ao indivíduo integrar esse universo que denominamos mundo do crime - composto pela massa carcerária - destitui-se o mesmo de todos os atributos que conformam a identidade do malandro⁹.

Quando um preso é “expulso” do mundo do crime ele é rebaixado na escala moral que constitui esse universo, e fica impedido de fazer qualquer coisa que lembre aquele mundo que, mais do que ele decide abandonar, do qual ele é obrigado a se afastar. Assim, o preço cobrado pela massa carcerária para deixar o infrator fisicamente intacto é retirar-lhe todo seu valor de malandro, destituindo-o de todos os atributos que faziam dele membro desse universo.

Mais do que os pastores das igrejas que vêm de fora, ou dos presos que são responsáveis pelas igrejas dentro da cadeia, quem realmente determina o que deve ou não ser feito para e pelos evangélicos são os pilotos, os líderes das facções organizadas que mantêm o controle da prisão. Ou seja, não são os evangélicos, baseados na doutrina de suas igrejas, que decidem o que devem fazer e do que devem se afastar para garantir a permanência e a credibilidade de sua identidade religiosa. Ao contrário. Tudo aquilo que lhes é permitido, proibido ou imposto o é por ordem da massa carcerária. Faz sentido, desta forma, a homogeneidade, apontada anteriormente, das diversas denominações evangélicas dentro da prisão, a despeito das diferenças significativas que algumas delas apresentam, principalmente em termos das exigências comportamentais de seus fiéis, na sociedade mais ampla.

⁹ Para uma explanação das virtudes e do comportamento esperados do “malandro”, ver Ramalho (op.cit) e Sá (op.cit).

Para garantir que aqueles que deixaram de ser dignos de pertencerem ao mundo do crime estão, de fato, afastados deste, a massa carcerária - assim como os funcionários - exercem uma vigilância contínua, ininterrupta e sistemática sobre os evangélicos, além de promoverem armadilhas e provocações que tentam fazer com que os crentes tenham atitudes que não correspondam àquelas associadas ao estereótipo pentecostal e possam, desta forma, serem desacreditados.

Quando você se converte, principalmente aquele cara que foi criminoso no passado, fez e aconteceu lá na rua. Aí ele chega e vem pra igreja, aí os caras começam a falar “Ah, quebrou a perna do crime e tal.” [...] Você é mais perseguido [na cadeia], é mais caluniado, os ímpios vê você falando uma gíria, um palavrão, já é registrado e você vive oprimido, você tem que tomar cuidado com o que você tá fazendo. (PERL02TJ).

Perseguidos assim nesse sentido assim de que as pessoas têm vez que conheceram a gente de uma forma, de repente a gente converte, muda. Então, quer dizer, as pessoas, todo mundo fica de olho na gente, se vai dar uma erradinha, têm muitas pessoas até que dá uma cutucadinha, fala algo, joga uma piadinha, pra ver qual vai ser a sua reação, vai que de repente eu tenho uma reação, de repente, inesperado, no momento, assim, né, fala “Aí, vai pra igreja, diz que é irmão aí, ó como é que tá aí agora.” Quer dizer, então nessa parte a gente tem que tá vigiando, tem que tá atento. (PEAP06DA).

É difícil [ser evangélico] não só na cadeia como na rua também, mas na cadeia encontra muita barreira, muita dificuldade, né, que cadeia é um lugar que todo mundo tá vendo todo mundo, né, aí você é crente, então eles tão te observando ali, né, e se você dá uma deslizardinha, comete algum erro ou fala alguma coisa que não devia, né... (PERI01DA).

Os ímpios ver você falando uma gíria, um palavrão, já é registrado: “Puxa, ó irmão aqui falando gíria”. E você vive oprimido, você tem que tomar cuidado com o que você tava fazendo, você é muito observado, demais. É o *big-brothers*, tá sendo observado, qualquer coisinha, qualquer vacilo que você der fora, o cara já registra. (PERL02TJ).

Seguir Jesus não é fácil, a própria palavra de Deus já diz, né, que por causa do nome dele a gente ia ser odiado, perseguido, um monte de coisas, quer dizer, então aquele que assume a fé em Jesus, quer dizer, ele vai ser humilhado, vai ser chamado de repente de um monte de coisa. (PEAP06DA).

O que tortura mesmo aqui dentro do presídio às vezes são os próprios companheiros de infortúnio [...] às vezes somos perseguidos pelos próprio companheiros, maltratado, ignorado, entendeu, isso é uma prisão, é uma tortura psicológica [...] Como é ruim esse lugar, isso aqui é o fim do mundo, seria mais ou menos comparado com o inferno [...] Então lá fora é assim, ó, cê vai ao culto hoje, eu vou saudar ali a irmã Maria, por exemplo, o esposo dela, e irei vê-los só no próximo culto [...]. Aqui cê tá vendo o camarada o dia inteiro, 24 horas, é marcação cerrada, você sabe a vida dele, mais do que o juiz [...] Aqui tem muita crítica, muita perseguição [...] Há uma cobrança, lógico, se nós falharmos, eles cobram: “O que que tá acontecendo? Cê num é crente, cê num é evangélico?” É *Big-Brother*, é um marcando o outro [risos], um marcando o outro pô! Essa é a realidade. Num tem o que fazer! Isso aqui é 24 horas, por exemplo, nós aqui conversando aqui nessa sala eu e você, 24 horas eu e você aqui. Daqui a pouco ce vai almoçar, eu vou ao mictório, cê vai, aí daqui a pouco cê volta de novo. As conversas vira rotineira, é a mesma coisa: “E aí, cara vai embora?” “Não vai...” “E aí, o seu processo, julgou?” “Não”. Cê ta cansado, nossa! É vigiado, as pessoas tão te observando o dia inteiro, inclusive eu tenho na minha cela um *slogan* que diz “Sorria, você está sendo observado”, entendeu [risos], porque você tá sendo observado o dia inteiro, o seu andar, o seu falar. Por exemplo, eu sou pastor, se eu ficar perto de uns cara que são traficante, daqui a pouco: “Pô, o pastor tá colando muito com aqueles cara ali, tal.” Já ta pensando que eu tô extraviando a minha conduta. (PEAD07AD).

O crime prova, depois que você vem pra igreja. Joga uma mulher atrás de você, pra ver se você é crente, que o crente ele dentro da penitenciária não pode transar com a mulher, sem tá casado no papel [...] e muitos perdem namorada

aqui porque elas, muitas quer transar, fala “Não, não, quero um negócio legal agora, chega dessa vida promiscua, né.” Aí o cara “Ah, ó irmão, vai vim uma mina pra mim, vai vir uma amiga dela, fica com uma.” [...] Aí fica observando pra ver se o cara vai transar com a menina, né : “Ó lá, ó lá... Ó o crente lá ó, pulando o muro lá, ó, traindo Jesus, ó.” (PESI13AD).

Mais do que uma opção religiosa, a pertença evangélica na cadeia, aparece como decorrência de algumas situações criadas no cotidiano prisional, que, por vários motivos tenham tornado impossível o convívio com os demais. Uma vez tendo feito essa “escolha” o indivíduo é obrigado seguir as rígidas normas comportamentais da igreja, sob pena de ser obrigado a pedir seguro¹⁰, transferência para outra cadeia ou ter sua vida colocada em risco.

O mundo do crime não perdoa as infrações às suas normas. O fato do indivíduo se tornar evangélico o descredencia de imediato desse mundo; ele não pode mais, portanto, ser cobrado pelas faltas cometidas anteriormente, mas deixa de ter o respeito dos demais.

No esquema interpretativo de Goffman (2002), quando um grupo se encontra com outro com o objetivo de interação, cada um tende a sustentar aquilo que afirma ser – no caso ao qual nos referimos, tem-se o crente e o malandro – e cada grupo tende a suprimir definições de si mesmo e do outro que possam desacreditar os papéis desempenhados na interação. No caso da relação entre presos evangélicos e os demais membros da massa carcerária, ocorre justamente o oposto, já que os últimos se esforçam para desacreditar os primeiros.

Desta feita, ser crente na cadeia significa estar sempre na berlinda, sujeito ao descrédito por um deslize qualquer, por uma palavra ou um gesto. É a expressão mais acabada de uma identidade mutilada na possibilidade de representar papéis diversos ao religioso. É a expressão da total perda da autonomia e da personalidade. É reduzido a alguém que, a fim de manter sua integridade física, é destituído de sua integridade moral.

Uma questão importante e que deve ser ressaltada é que, mais do que uma situação que pode ser reduzida a casos individuais, isto que estamos apontando, define o lugar do crente dentro desse sistema social que é a prisão. Menos do que se referir ao caso de um ou outro preso, que, comprovadamente, tenha descumprido as normas da massa carcerária, essa situação de descrédito é a definição mesma do lugar ocupado pelos evangélicos – enquanto grupo. Ou seja, longe de constituírem uma exceção no padrão de relação social vigente, esse controle externo e a contínua

¹⁰ Pedir seguro significa solicitar à administração prisional a transferência para uma cela localizada em lugar não acessível à massa carcerária, na qual o indivíduo permanece todo o tempo – isolado -, exatamente para preservar sua integridade física, preservando-se do contato com os demais presos.

desconfiança, estruturam a relação entre evangélicos e massa carcerária, produzindo uma contínua instabilidade e tensão nas suas interações.

Conclusão:

Os poucos estudos que tratam das atividades religiosas no contexto prisional tendem focar suas análises na eficácia destas no processo de ressocialização do preso. Neste sentido, temos basicamente duas posições opostas: de um lado a defesa da religião enquanto elemento moralizador por excelência, capaz, portanto, de auxiliar na promoção da recuperação do indivíduo preso¹¹ e, de outro, argumentos que indicam um aproveitamento utilitário da religião pelos indivíduos encarcerados, na medida em que estes obteriam benefícios – materiais e/ou simbólicos – em decorrência de uma – supostamente fingida - conversão religiosa¹².

Este trabalho aborda o tema de uma perspectiva diferente. Primeiramente, diferencia-se da abordagem instrumental por não entender as transformações ocorridas após a conversão religiosa em termos de obtenção de benefícios. Acredito ter deixado claro em que medida é considerada infundada a idéia de que a adesão ao pentecostalismo promove uma transformação positiva na imagem do preso.

Ao contrário. Diante da administração prisional as práticas religiosas são vistas simplesmente como funcionais já que seus integrantes, em geral, dão menos trabalho, em termos disciplinares, para os funcionários destas instituições. Contudo, não há qualquer tipo de vantagem ou benefício concedido a presos unicamente por pertencerem à igreja.

Em relação à massa carcerária essa assertiva é ainda mais falsa, já que, conforme apontamos, os evangélicos são considerados indignos de pertencerem ao mundo do crime. Neste sentido, inverte-se totalmente a questão e os crentes, ao contrário dos atributos que definem para si mesmos no momento das entrevistas, são indivíduos sem nenhum crédito, sobre quem paira uma desconfiança absoluta e um preconceito enorme.

De outro lado, este trabalho não corrobora com todo entusiasmo que vê na religião elemento importante no processo de ressocialização. Se não podemos negar que a conversão

¹¹ Oliveira (1978) e Beristain (2000) são ardorosos defensores desta posição.

¹² O núcleo da análise de Scheliga (2000) sobre a prática religiosa evangélica dentro da prisão é precisamente a transformação positiva da imagem do converso diante da administração prisional e de outros presos. Soares & Ilgenfritz (2002, p. 38), ao estudarem prisões femininas no Rio de Janeiro, chamaram a atenção para a existência de algumas celas destinadas às presas evangélicas e apontaram essa separação como benefício obtido pelas mesmas, a partir da conversão religiosa.

religiosa pode operar re-significações e transformações no repertório de identidades dos indivíduos, diante de tudo o que foi exposto, torna-se muito difícil pensar a questão da possibilidade ou não de ressocialização através da adesão religiosa - deve-se antes perguntar que tipo de sistema social é este onde toda e qualquer ação é vista com desconfiança e onde os mais recônditos comportamentos são vigiados e trazidos à exposição pública; onde as autoridades legítimas não interferem, não arbitram, ao contrário, fazem vistas grossas à opressão, à dominação de alguns grupos, a fim de manter a “paz” nas cadeias, mesmo que o custo desta “paz” seja a permanência e o recrudescimento da arbitrariedade e do autoritarismo.

Não se está aqui a afirmar que a religião é tão somente um instrumento de opressão e de punição nas mãos da massa carcerária a fim de castigar os infratores às suas leis. Mas, estamos certos, no entanto, de que ela está longe de se constituir como elemento sinalizador de qualquer processo de ressocialização - ela traz embutido em si, outros significados.

Num mundo social onde as regras e normas são arbitrariamente impostas por grupos organizados e mantidas a partir do estabelecimento das relações sociais entre indivíduos confinados por anos a fio, onde a infração a estas é punida com a maior severidade possível, descortinar possibilidades de sobrevivência – física e psicológica – torna-se uma das mais importantes tarefas a serem desempenhadas. E é nesta chave que a religiosidade evangélica deve ser entendida, ou seja, como parte integrante e importante para a manutenção do funcionamento deste sistema de relações sociais vigentes no universo prisional.

Desnecessário dizer também que, independentemente das motivações reais de cada um ao converter-se ao pentecostalismo, o fato é que recai sobre este grupo a falta de credibilidade apontada antes. Sociologicamente é esta situação que importa, muito mais do que as inclinações individuais. Assim, a questão dos motivos subjetivos – a falsidade ou sinceridade - para a conversão religiosa não foi tratada aqui. Mas sim o fato fundamental que define o evangélico dentro da prisão. Ou seja, ao se declarar crente, o preso ocupará uma determinada posição dentro da cadeia - marcada pelo descrédito - e o papel de religioso será posto a prova todo o tempo, devendo ser reafirmado permanentemente nas interações estabelecidas com os demais membros deste sistema social.

Mais do que qualquer outra, a realidade social criada e recriada numa instituição como a prisão é frágil e precária, as representações aí desempenhadas devem ser mantidas o tempo todo, mediante a mesma audiência, o que sem dúvida a torna mais tensa e mais sujeita à ruptura.

Representar o papel de crente neste sistema social significa conviver rotineiramente com ataques à sua representação e com tentativas de desacreditar e desestabilizar a sua identidade (DIAS, 2005).

Castro (1991 : p. 57) chama a atenção para o fato de que, se são bem conhecidas as formas mais diretas de violência, tais como as torturas, os maus-tratos e a precariedade das condições de vida e trabalho, menos conhecidas são aquelas mais sutis, “constitutivas mesmo da rede de relações sociais que atravessa sujeitos posicionados de modo diferente na estrutura social da prisão”. Nossa sugestão é que ser crente dentro da cadeia faz parte destas formas, sutis, de violência, à qual estão sujeitos aqueles que ocupam o último degrau na hierarquia social da prisão.

Bibliografia

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulus Editora, 1985.

BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis, Vozes, 2000.

BERISTAIN, Antonio. *Nova Criminologia à luz do Direito e da Vitimologia*. Brasília, Editora Unb, 2000.

CASTRO, M.M.P.de. “Ciranda do medo – Controle e dominação no cotidiano da prisão”. In: *Revista USP no. 9-1.* , p. 57-64, 1991.

DIAS, Camila C. Nunes. *A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo? Conversão religiosa, ambigüidade e tensão entre presos evangélicos e massa carcerária*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC Editora, 4ª Edição, 1988.

_____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 2001.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis, Vozes, 2002.

MACHADO, Maria das Dores C. *Carismáticos e pentecostais: Adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

MARIANO, R. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

OLIVEIRA, Marina M.C. de. *A religião nos presídios*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.

RAMALHO, J. R. *O mundo do crime: a ordem pelo avesso*. São Paulo, IBCCRIM, 2002.

SÁ, Geraldo R. de. *A prisão dos excluídos: Origens e reflexões sobre a pena privativa de liberdade*. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

SCHELIGA, Eva L. “*E me visitares quando estive preso*”: *sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima*. Florianópolis. Dissertação de mestrado em Antropologia – UFSC, 2000.

SNOW, D.A. & MACHALEK, R. “The sociology of conversion”. *Annual Review of Sociology* n.10. 1984, p. 167-190.

SOARES & ILGENFRITZ. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.

SYKES, Gresham M. *The society of captives: a study of a maximum security prison*. Princeton - New Jersey, Princeton University Press, 1974.